

TÓPICOS UTODISTÓPICOS

Pedro Henrique Magalhães Queiroz¹

RESUMO: Se o leitor buscar, aqui, um artigo convencional, há de perdoar-me, pois o presente escrito é fragmentário por demais, um mosaico temático que pode chegar a borrar a boa vista de um leitor acurado. Se houver alguma boa vontade em buscar elementos que propiciem o pensar e a crítica, então estaremos em sintonia; caso não exista tal boa vontade, concedo-lhe a seguinte sinopse: tratamos de literatura e risco, de um poeta estranhíssimo chamado Augusto dos Anjos, fazemos uma deriva poético-filosófica para chegar ao significado que Marx dá ao enunciado “o morto tolhe o vivo” e, assim, chegarmos ao diagnóstico terminal do humanismo entubado numa sala de emergência. Machado de Assis lhes diria: “se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus”.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; crítica; crise.

ABSTRACT: If the reader looks for a conventional article here, he/she will forgive me, because the present writing is too fragmentary, a thematic mosaic that can blur the good view of an accurate reader. If there is any willingness to seek elements that encourage thinking and criticism, then we are in tune; in case there is no such goodwill, I grant you the following synopsis: we are dealing with literature and risk, from a very strange poet called Augusto dos Anjos, we make a poetic-philosophical drift to arrive at the meaning that Marx gives to the statement “the dead stunt the living” and, thus, we arrive at the terminal diagnosis of humanism intubated in an emergency room. Machado de Assis would say to them: “if it pleases you, dear reader, I shall be well paid for the task; if it doesn't please you, I'll pay you with a snap of the finger and goodbye”.

KEYWORDS: literature; criticism; crisis.

¹ Licenciado e Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: pedro.magalhaes-7@outlook.com.

"A contribuição milionária de todos os erros."

(Oswald de Andrade)

1. *Canteiro de obra*

Cláudio Oliveira escreve um posfácio ao livro *O homem sem conteúdo*, de Giorgio Agamben, intitulado *Da estética ao terrorismo: Agamben, entre Nietzsche e Heidegger*. O intuito aqui não é tratar do posfácio, mas do que sua leitura incitou a anotar nos cantos de página. Assim, a primeira imagem que salta de um tal título, *O homem sem conteúdo*, é de que se trata de um problema antropológico e estético em questão. E, quem sabe, um outro olhar poderia ser encontrado a partir da literatura de Robert Musil (*O homem sem qualidades*) ou de Samuel Beckett, seu teatro do absurdo do mundo.

Três parecem ser, nesse sentido, os pontos nodais do livro (retirados de uma primeira leitura do posfácio): 1. "(...) tudo aquilo que o espectador pode encontrar na obra de arte é, agora, mediado pela representação estética, que é, ela própria, *independentemente de qualquer conteúdo (...)*" (AGAMBEN, 2012: 70); 2. "Pigmaleão, o escultor que se inflama pela própria criação até desejar *que ela não pertença mais à arte, mas à vida (...)*" (AGAMBEN, 2012: 18-19); 3. "(...) resta apenas o gesto de Rimbaud, com o qual, como disse Mallarmé, ele se operou da poesia... O que é, de fato, o mistério Rimbaud senão o ponto em que sua literatura se une ao seu oposto, isto é, o silêncio?" (AGAMBEN, 2012: 32-33).

O caráter de independência, até mesmo indiferença, em face de qualquer conteúdo, que marcaria o que se chama de estética; a tensão entre arte e vida, dada na imagem do escultor Pigmaleão; a destinação de Rimbaud, que, no intento de mudar a vida, numa promessa de felicidade intrínseca a seu ato poético depara-se, no entanto, como no caso da Revolução, com o Terror, com o perecimento e, assim, precisou, antes de amputar a perna² em seu caminho na direção da morte, amputar a própria poesia de sua vida, tamanho o Terror proveniente de sua audácia. São esses os três pontos que, acredito, poderiam dar uma outra leitura, um outro olhar ao texto de Agamben. Mas essa é uma conversa fiada, pago depois; fica penhorada uma breve nota de leitura.

² Esse o desfecho de seu "embarque para [a] Citera da arte moderna" (AGAMBEN, 2012: 26).

Agamben busca a *poiesis* (ποίησις), no sentido grego (de fazer o não ser vir a ser), contrapondo-se à estética. O ato criador não é desinteressado como não é sem sangue, entranha, sacrifício; há uma certa fetichização na arte, como no âmbito do trabalho manual, em que o ato produtivo desaparece e seu produto aparece como objeto de contemplação já pronto e belo. O espectador pode até entrar em catarse, alçar algum sublime, mas o “artista criador” pode recair na loucura, na morte, no pavor em seu duelo notívago ou diurno com o belo.

No mundo moderno a atividade artística, que se apresenta à reflexão do crítico ou ao desinteresse do espectador (interessado subliminarmente no sublime, em dar sentido a uma lacuna), carrega consigo um cânon estético, uma meta-arte seja no interior de uma filosofia da história, seja numa reflexão antropológica acerca da faculdade receptiva; ela, como todos, lidamos com uma fratura social que instaura e mantém um estado permanente de esconde-aparece, ora exposta a fratura, ora não; uma espécie de Daniel na Cova dos Leões que não é dado a todos saírem ilesos.

2. *Augusto e o tamarindo*

Não sei o que me levou a esse poeta autor do *Eu*, publicado em 1912. Não sei se seu lugar é a poesia ou a filosofia. Misto de ambas e ciência. A filosofia, me ensinou um amigo, é segunda; a poesia que é primeira. A poesia primeira de Augusto é do sabor do tamarindo. É um azedo gostoso. Não sei de que maneira meu pensamento me levou a esse sabor. Posso falar em anjo melancólico da história, ruína-resto e profecias. Posso falar da autofagia e decomposição que se encontra no centro do elo da abstração social do trabalho. Mas não é hora disso.

À sombra do alpendre o pé de tamarindo tornou-se um significante-registro, alpendre que, até onde sei, o jovem Augusto chorava não apenas a perda do pai como suas mágoas. Não, esse não é o momento em que documentarei sua vida; sei o suficiente para falar sobre esse autor me dando o direito e o risco de digeri-lo. Educação paterna, Liceu, Escola do Recife, Colégio Pedro II, Leopoldina. Trauma de amor aos dezesseis, perda do filho, filhos civicamente criados, autor civicamente conduzido na vida de homem casado, com esmero e rigor. Spencer, Haeckel, Schopenhauer, Poe, Shakespeare. Bilac. Ana Miranda.

Engraçado é que paraíba no Sul é nordestino migrante e denota menoridade. Augusto andou na Ponte Buarque de Macedo, no Recife; andou na Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. O pai morreu de doença sanguínea, Augusto de romântico: doença pulmonar, tristeza. A causa da tristeza e do seu intento, sua sina: decadência econômica da família, influência cultural de Allan Poe ou Charles Baudelaire, trauma de amor aos dezesseis, querer fazer não uma poesia científica, mas que a ciência fizesse poesia. Deve existir algum inventário, além dos fragmentos dispersos do vínculo entre sua vida, obra e perspectivas de leitura, se não existir: cabe ao menos um mosaico alegórico montado a partir do tempo presente.

Críticos: Drummond, Gullar, Órris Soares, Carpeaux. Material: artigos, dissertações, teses. No momento, prefiro o que me disse um outro amigo, antes de ser assassinado pela circunstância da pandemia que é o próprio sistema: Suassuna diz, em algum lugar em Dom Pantero no Palco dos Pecadores, que faria um romance como os de Calderón ou Cervantes se alguma alquimia houvesse entre Policarpo Quaresma, a melancolia sertaneja (que pode ser a descrita por Euclides, num primeiro momento) e mais alguns autores-personagens que não lembro agora. Roberto Schwarz optou por Machado de Assis. Alguns optam Guimarães Rosa. Eu sempre optei por Drummond. Mas Augusto, a mim, superou Drummond, porque fala mais de hoje, nasceu póstumo – antes de tudo um forte.

Existem uns dez poemas do *Eu* que considero centrais. O tamarindo foi porque, no título, ficava tão bonito, tão honesto que eu como sofista e retórico, de gaiato, resolvi colocar lá. Mas eis que uma imagem saltou: a poesia de Augusto tem o sabor do tamarindo. Dentre os poemas, Budismo moderno é o que me salta agora e ficarei nele. "Tome, Dr., esta tesoura, e... corte/ Minha singularíssima pessoa". Esses dois versos podem nos remeter a como o homem de letras está num intervalo, num limiar entre os referenciais destas terras, é um menor, civicamente, frente a eles: o homem da lei e o homem da saúde; ambos doutores. O homem da lei é parodiado pelo homem de letras em *Aves de arribação*, do cearense Antônio Sales, no qual Alípio encarna dramas de amor em Ipuçaba até arribar; o homem de ciência, o médico, é parodiado por Machado, na figura do famoso alienista Simão Bacamarte.

Machado me devolveria a Augusto com sua dedicatória, nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ao verme que primeiro roeu sua carne: "Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas". Mas essa ponte não funciona

agora. Talvez se disséssemos: “Recife. Ponte Buarque de Macedo./ Eu, indo em direção à casa do Agra,/ Assombrado com a minha sombra magra,/ Pensava no Destino, e tinha medo!”. Então nos saltaria à vista o jogo lutuoso e lúdico com o destino expresso no significado barroco da caveira. Então lembraria de Calderón, Suassuna, Walter Benjamin, história mundial do sofrimento, culpa, redenção, alegoria. Mas sobretudo que o barroco talvez seja a contraface do estrondo que foi na história o cadafalso chamado modernidade.

3. *Deriva poético-filosófica*

Fiquei preocupado com a beleza e saí por aí andando³. Saí andando como um doutorando peripatético, mais patético do que peripatético, sem bolsa e pensando em por que diachos, dentre tantas funções no mundo, escolhi duas que normalmente não possuem lugar: a poesia e a filosofia. Isso depois de assistir a aula à distância de uma cadeira sobre “Filosofia e Medicina, de Hipócrates a René Descartes”, sem que eu soubesse direito o que deveria apresentar na semana seguinte e como deveria ser o artigo final. Se eu estivesse na França, até poderia fazer sentido, estaria flanando, mas estou no meu quase bairro, o José Walter.

A princípio, não me ajustei muito bem às demandas da cadeira; e no caminho pensei numa ideia de Nietzsche contida no prólogo da *Gaia ciência*:

“Eu espero ainda que um *médico filosófico*, no sentido excepcional do termo – alguém que persiga o problema da saúde geral de um povo, um época, de uma raça, da humanidade –, tenha futuramente a coragem de levar ao cúmulo a minha suspeita e arriscar a seguinte afirmação: em todo o filosofar, até o momento, a questão não foi absolutamente a ‘verdade’, mas algo diferente, como saúde, futuro, poder, crescimento, vida...” (NIETZSCHE, 2012: 12).

Certeiro. Bem que Nietzsche estava certo quando dizia que apenas os pensamentos que temos caminhando possuem algum valor. Fui à lagoa do bairro e nem tão ritualisticamente fumei, caminhando tracei meu eterno retorno no entorno desta ideia. Ora, na condição de filósofo ou poeta, o único diagnóstico que me cabe é este, e no meu entender existe uma frase de Paulo Arantes que não para um instante de martelar na minha cabeça, sobretudo após a pandemia de Covid-19: “(...) o paradigma da política só pode ser a medicina de urgência” (ARANTES, 2014: 261).

³ Tal como Sócrates, no diálogo *Íon*, mas sem a mesma virtude.

Entramos na zona limite da experiência de um tempo (abstrato) que está forçosamente vinculado ao caráter negativo do esquecimento, a falta de consciência histórica, e tudo ocorre como se não houvesse amanhã – já que o ontem também nos foi negado –, então coube-nos um presentismo falso, a gestão de uma sociabilidade em declínio. Para terminar esta parte da prosa, lembro que três marcos se tornaram cruciais para quem tornou-se adulto no século XXI: vi na televisão as torres gêmeas, o World Trade Center, caírem aos treze anos de idade, indo a um colégio de freira; considerei incontornável, aos vinte anos, o alastramento da debacle financeira em 2008 (até então esse era o principal marco); agora, aos trinta e dois, me vejo de máscara, fumando e catando algum fragmento de beleza no meu eterno retorno em volta da lagoa do bairro.

Ainda não havia concluído o percurso patético, até que resolvo ir à casa do amigo Sebastião – não aquele que se perdeu no Marrocos. Uma hospitalidade de amigos que de alguma maneira enxergam o mundo e o caráter de sua crise, um café, um suco de limão, um almoço e histórias que talvez eu consiga sintetizar em algumas palavras. Todo povo precisa de um mito fundante e um centro histórico; nós, de Fortaleza, não temos nem um, nem outro. O Brasil, de um lado, também não tem, e de outro, tentou forjar culturalmente uma identidade nacional a partir do que resultou do choque de culturas e povos que ou aqui já estavam, ou chegaram visando pilhagem, ou acorrentados em navios negreiros, ou migrando ao longo do tempo. Se Fortaleza não tem, o Brasil está num limiar, e a mais megalômana das ideias é a de um integralista que batizou uma editora: civilização brasileira. Civilização. Diagnostiquem-na.

Sebastião sentia-se um escritor frustrado porque sabia de um “índio” guerreiro, que lutou numa batalha em que se reuniram mais de sete povos “indígenas” contra as primeiras expedições dos brancos, esse sim merecedor de um romance, de alguma narrativa além das de José de Alencar, nosso conterrâneo. Caberia a ele contar melhor a história, e escrever o que é preciso. Então me veio à mente uma ideia que eu pouco dava atenção, de Drummond, em Procura da Poesia:

“Penetra surdamente no reino das palavras./ Lá estão os poemas que esperam ser escritos./ Estão paralisados, mas não há desespero,/ há calma e frescura na superfície intata./ Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário./ Convive com teus poemas, antes de escrevê-los./ Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam./ Espera que cada um se realize e consume/ com seu poder de palavra/ e seu poder de silêncio./ Não forces o poema a desprender-se do limbo./ Não colhas no chão o poema que se perdeu./ Não adules o poema. Aceita-o/ como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada/ no espaço”.

Existe algo da teoria das ideias-formas de Platão nesta concepção da poesia em Drummond. Eu estava buscando justamente algo que fizesse casar poesia e filosofia, como em seu poema Morte do Leiteiro, em que o sangue do entregador se mistura com o leite num tiro dado pontualmente na hora incerta e forma um tom chamado aurora; e forma um tom chamado barroco, luz e sombra, beleza e terror. Parece ser outra a psicologia da composição em Augusto dos Anjos, no poema Ideia:

“De onde ela vem?! De que matéria bruta/ Vem essa luz que sobre as nebulosas/ Cai de incógnitas criptas misteriosas/ Como as estalactites duma gruta?!/ Vem da psicogenética e alta luta/ Do feixe de moléculas nervosas,/ Que, em desintegrações maravilhosas,/ Delibera, e depois, quer e executa!/ Vem do encéfalo absconso que a constringe,/ Chega em seguida às cordas do laringe,/ Tísica, tênue, mínima, raquítica.../ Quebra a força centrípeta que a amarra,/ Mas, de repente, e quase morta, esbarra/ No mulambo da língua parálitica”.

Existe uma bela imagem de Augusto ao enlaçar o macrocosmo, no caso as nebulosas, e o microcosmo, o mais recôndito, no caso as estalactites de uma gruta. Existe uma serena e severa consciência, neste poema, que pensamento e língua não são uma só e mesma coisa, existe um abismo entre a ideia e o mulambo da língua parálitica. A este salto acredito que se proponham poetas e filósofos, que ficam como caçadores à espreita do momento exato de dar forma àquilo que por algum tempo vagueou à sua vista, mas ainda não era possível alçar.

De volta ao último choque social, a pandemia, 2020: se na primeira revolução industrial tivemos a mecânica como paradigma, na segunda tivemos o eletromagnetismo; se na terceira tivemos a microeletrônica e o desenvolvimento da informática, na quarta temos nanotecnologia, inteligência artificial e assim em diante. Todo esse desenvolvimento é fruto de uma utopia científica e liberal-estatista que, hoje, se apresenta incapaz de dar o salto que, espero, o sonho humano ainda alimente: o de não recuar frente ao abismo da crise e encontrar uma alternativa.

4. *Servidão voluntária: o morto tolhe o vivo*

La Boétie morreu jovem, quase aos trinta e três anos de idade; foi amigo de Michel de Montaigne, que lhe fez uma homenagem versando sobre a amizade. Esse jovem parece ser o primeiro degrau de quem quiser compreender, ou ao menos se questionar como o poder atua também conforme um alheamento voluntário dos indivíduos. No nascedouro do pacto estatal moderno, Boétie questiona a servidão voluntária da própria potência intrínseca em cada um. Saltos para além dele podem ser dados, mas o que mais me assusta são dois dragões: o saber-poder científico 5G e as relações de valor que fazem essa potência esmagar os ombros do faltante, do que

alheou seu desejo a outrem, e no final das contas todos alheamos nosso desejo não apenas ao Leviatã do Estado como também ao fantasma Mefistófeles do Capital.

Marx escreve no primeiro prefácio do seu livro de crítica da economia política, *O Capital* (1867), o seguinte dito latino: *Le mort saisit le vif*, que significa "o morto tolhe o vivo". No prefácio, ele está situando a situação paradoxal do desenvolvimento capitalista: "(...) a Alemanha, como o resto da parte ocidental do Continente Europeu, é atormentada não apenas pelo desenvolvimento da produção capitalista, mas também pela carência desse desenvolvimento" (MARX, 2008a: 17). Não é aqui o momento de discutir a autocontradição que levou esse regime de acumulação à condição de *último império*, aquele que conquistou, mediante anomia, todo o *nomos* da Terra. *Le mort saisit le vif* também aparece no ensaio *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, escrito por Marx para dar conta do que foi a experiência da Primavera dos Povos em 1848 na França e o significado da reação que levou três anos depois Luís Bonaparte, sobrinho de Napoleão (mas sem as mesmas qualidades do tio), a dar um golpe de estado e instaurar um regime que durou vinte anos, o chamado Segundo Império. Interessante notar é que, já na abertura do texto, Marx inscreve o mesmo problema:

"Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade, em circunstâncias escolhidas por eles próprios, mas nas circunstâncias imediatamente encontradas, dadas e transmitidas pelo passado. *A tradição de todas as gerações mortas pesa sobre o cérebro dos vivos como um pesadelo*" (MARX, 2008b: 207).

Marx está se referindo, aí, a como os homens do presente precisam sempre recorrer a experiências ou figuras do passado ante a iminência de situações perigosas e transformadoras, revolucionárias. Ora, a Revolução Francesa, mesmo instaurando o calendário da Revolução a partir do seu dia primeiro, precisou recorrer a modelos do passado; mas não apenas ela, a modernidade parece ser esse intricado de arcaico e moderno:

"Assim, Lutero disfarçou-se de apóstolo Paulo, a revolução de 1789-1814 vestiu alternadamente a roupa da República Romana e do Império Romano, e a revolução de 1848 nada soube fazer de melhor que parodiar aqui 1789 e ali a tradição revolucionária de 1793 a 1795" (MARX, 2008b: 208).

É que esqueci de dizer, Marx abre seu texto que trata de revolução e contrarrevolução, insurgência e contrainsurgência dizendo que é preciso saber discernir dialeticamente tragédia e farsa, comédia, dando assim um outro teor narrativo à filosofia da história hegeliana: "Hegel observa algures que todos os grandes fatos e personagens da história universal aparecem, por assim dizer,

duas vezes. Mas esqueceu-se de acrescentar: a primeira como tragédia e a outra como farsa” (MARX, 2008b: 207).

Em Marx também está inscrito um paradoxo, como em seu tempo (nosso no sentido de que este é o tempo dominante), em especial para o que estamos tratando aqui: ainda que critique a modernidade carrega consigo sua insígnia, o novo. É no esforço colossal de parir o novo que a crítica do *le mort saisit le vif* estabelece como tarefa da revolução proletária retirar sua poesia não do passado, mas do futuro: “A revolução social do século XIX não pode tirar a sua poesia do passado, mas apenas do futuro” (MARX, 2008b: 210). Um traço completamente distinto se pode encontrar em Walter Benjamin, pensador judeu-alemão, para o qual a revolução não é nem a parteira do novo, mas freio de emergência, nem mesmo possui poesia a retirar do futuro; nas teses Sobre o conceito de história (1940) sua esperança é retirada do passado, mais especificamente da tradição dos oprimidos, de toda uma memória de resistência daqueles que tombaram na história humana que encontra na exceção a sua regra. Benjamin presenciou a primeira guerra, o avanço nazifascista e todo o trauma experimentado no centro europeu na primeira metade do século XX, tomando uma alta dosagem de morfina nos Pirineus em 1940, aos 48 anos de idade, fugindo da Gestapo que acabara de ocupar a França, sua morada desde alguns anos. Benjamin não podia enxergar da mesma forma que Marx, sua melancolia histórica fazia jus a seu tempo.

A servidão voluntária poderia nos remeter de volta ao presente, ao problema de como optamos por um ultraneoliberalismo miliciano conservador pseudorreligioso; o 18 Brumário nos daria a infame repetição de ver três anos após as insurgências de 2013 – que tiveram como principal marca a horizontalidade, a ação direta e o anonimato – a derrubada institucional (*impeachment*) em 2016 de Dilma Rousseff e, no ano seguinte, Michel Temer apresenta a PEC 241, a do teto dos gastos, que congela por 20 anos os gastos públicos; Walter Benjamin nos convidaria à pergunta de se ao anjo melancólico da história ainda é possível “deter-se para acordar os mortos [tradição dos oprimidos, suas memórias de luta] e juntar os fragmentos” (BENJAMIN, 2012: 226). E, enfim, o teor apocalíptico das mortes por Covid-19 – que já se equiparam ao número de mortos pelas bombas atômicas na segunda guerra mundial – nos faz lembrar um poeta estranhíssimo chamado Augusto dos Anjos, que parece pedir um outro olhar sobre a potencialidade crítica de seus versos:

“É a Morte — esta carnívora assanhada —/ Serpente má de língua envenenada/ Que tudo que acha no caminho, come.../ — Faminta e atra mulher que, a 1 de janeiro,/ Sai para

assassinar o mundo inteiro,/ E o mundo inteiro não lhe mata a fome!" (Poema negro, Augusto dos Anjos).

5. *É isto um homem?*

Nunca li Primo Levi, apenas o conheci indiretamente mediante Giorgio Agamben, no seu livro *O que resta de Auschwitz*. Mas acordei com sua pergunta na cabeça, soando aos ouvidos: *É isto um homem? (Ist das ein Mensch?)*. Não é preciso muito esforço para fazermos um paralelo histórico entre o mundo europeu do entreguerras, com seu refluxo ou mesmo realização dos ideais iluministas que fundaram a época moderna, e o cenário atual do novo milênio. Também não é preciso muito esforço para se fazer perceptível, no curto-largo lastro da história humana, que a atrocidade, a brutalidade, a violência, o sofrimento tem até aqui sido a regra, enquanto nossas ideias de felicidade se tornam sonhos literalmente bombardeados.

É isto um homem? (Ist das ein Mensch?). O Homem, tal como o conhecemos hoje, nasceu. Foi parido, quem sabe, naquela primeira separação entre ele e a natureza formulada nas religiões monoteístas, religiões do espírito em que a natureza e assim também o feminino se apresentam como objetos para um sujeito querendo nascer. Ficou adulto, quem sabe, quando homens renascentistas buscaram a autonomia frente às instituições religiosas, suas superstições de céu com repercussões terrenas de poder e domínio, mediante razão, em sentido especulativo, e ciência, enquanto método de investigação e também poder sobre a natureza e, assim, a tudo que é extenso, tem corpo, inclusive um autodomínio para consigo mesmo deste mesmo homem que pretendia se libertar. Amadureceu, talvez, quando um autor chamado Nietzsche com sua Gaia ciência, certamente um leitor de Ludwieg Feuerbach, compreendeu que Deus (no sentido pessoal, pois aquele que escuta o coração humano) havia morrido e fomos nós, homens de ciência, que o matamos. Contraindo uma doença crônica quando Foucault, no caminho por onde passou Nietzsche, vendo-se pertencente a uma geração herdeira do entreguerras, compreendeu que estava morto o próprio Homem. Mas o morto prosseguiu andando e, hoje, senil, quem sabe até mudo perante seu próprio percurso no mundo, geme um parto que não encontra termo.

Mudo era, segundo Giorgio Agamben no capítulo "O 'muçulmano'", o homem do campo que havia fitado a Górgona, havia sido petrificado pelo sofrimento e estava calado, estático, ainda que vivo. Mudo estava o homem (no caso se fala aqui particularmente dos judeus nos campos nazistas), na fase em que contraiu uma doença crônica, diante do trauma. Levi, como sobrevivente, sentia-se

envergonhado de não ter naufragado com os seus e forçosamente impelido a ultrapassar o trauma e narrar, elaborar o ocorrido. “É isto um homem?”, foi sua pergunta primeira. Não li o livro de Levi, mas a pergunta pode remeter tanto ao carrasco como à vítima no limite de sua degradação.

Hoje, estamos além do estado crônico e o Homem precisa de um respirador para manter-se vivo, sufocado no ambiente em que ele mesmo criou para si; tornou-se um moribundo e:

“...[a] sala de reanimação onde flutuam entre a vida e a morte... delimita um espaço de exceção no qual surge, em estado puro, uma vida nua pela sua tecnologia. E visto que se trata, justamente, não de um corpo natural, mas de uma extrema encarnação do *homo sacer* (o comatoso pôde ser definido como um ser ‘intermediário entre o homem e o animal’), a aposta em jogo é, mais uma vez, a definição de uma vida que pode ser morta sem que se cometa homicídio” (AGAMBEN, 2010: 156).

“É isto um homem?”, permanece soando. Sim e não. Talvez tenhamos que recorrer aos povos originários, e aqui podem soar as vozes de Ailton Krenak, com suas *Ideias para adiar o fim do mundo*, e Davi Kopenawa, com sua crítica xamânica da economia política da natureza. Essa pergunta deve estar ressoando desde que o céu começou a desabar para os povos nativos, e hoje diagnosticam, com sua sabedoria cósmica e medicina natural, que o povo branco, o povo da mercadoria, precisa recomeçar a aprender com a Natureza (sua multitude, sua multiplicidade, sua diversidade) antes de chamar-se Homem, sujeito pretensamente racional, abstrato, livre e em progresso, precisa aprender a ouvir rios, montanhas, encantados; precisa, como o personagem Harry Haller de *O lobo da estepe*, aprender a dançar antes de pretender optar pelo suicídio.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O homem sem conteúdo**. Trad. Cláudio Oliveira. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ANJOS, Augusto dos Anjos. **Toda a Poesia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro; Editora Paz e Terra, 1976.

ARANTES, Paulo. **O novo tempo do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2014.

ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 1992.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994

_____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARX, Karl. **O Capital**. Trad. Reginaldo Sant'Anna. 26. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008a.

_____. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. In: _____. **A revolução antes da revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2008b.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.